

MEMÓRIA DOS JESUÍTAS PORTUGUESES E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: RELAÇÃO ENTRE A OBRA DE SERAFIM LEITE E FERNANDO DE AZEVEDO

Maria Juraci Maia Cavalcante

Universidade Federal do Ceará

E-mail: juramaia@hotmail.com

Esta comunicação integra uma investigação mais abrangente, que tem como temática central *Os Jesuítas Portugueses no Brasil, no século XX*, em especial, no Ceará, a partir da perseguição sofrida por esta Ordem, depois do advento da República em Portugal (1910), e de sua expulsão, a 2 de Fevereiro de 1911, feita curiosamente por meio da reedição do decreto do Ministro de D. José de 1759. Em função da expulsão da Companhia de Jesus pelos republicanos, juntamente com todas as outras ordens religiosas de Portugal, é concebida e iniciada, conforme AZEVEDO(1986), a *Missão Setentrional da Província Portuguesa Dispersa*, dirigida à antiga colónia do Brasil, onde a Companhia de Jesus baseara grande parte do seu projecto de cristianização, por dois séculos, até a expulsão por ordem de Pombal.

Devido a sua suposta hegemonia religiosa junto à população em geral, podemos imaginar o que representou para a Igreja Católica e os Jesuítas, em particular, a perseguição a eles dirigida por parte dos novos representantes políticos de Portugal. *Os Proscritos* noticiam em dois volumes, publicados, um em 1910, na Espanha, e o segundo, em 1914, na Bélgica, as circunstâncias “do que passaram os religiosos da Companhia de Jesus na revolução de Portugal em 1910.” Tiveram, segundo explicita o próprio autor, Gonzaga de Azevedo, padre da Companhia de Jesus, a função de auto-defesa pública numa situação de exílio, razão pela qual tais escritos adquiriram grande ressonância social na época da terceira expulsão dos Jesuítas de Portugal, antecedida que foi pela de 1759, por Pombal e a de 1834, esta pelas forças liberais e constitucionistas. Assim, na condição de proscritos, os intelectuais jesuítas adotariam com alarde a posição de vítimas da incoerência republicana.

Em função de inúmeras circunstâncias de perseguição, especialmente, em Portugal e na França, que ajudam a criar «o mito jesuíta», conforme LEROY(1999) e FRANCO(2006), é sabido que os Jesuítas se ocupam de forma obstinada com o registro de suas ações, o que fazem desde a fundação da Companhia, tanto com o objetivo de angariar apoios e simpatias por parte da Igreja e meio católico, quanto para se defender dos seus opositores. As famosas cartas de Inácio de Loyola e a função que tinham no

âmbito da administração e controle exercido por ele, sediado em Roma, sobre as Missões enviadas ao Oriente, Europa e América, desde o século XVI, deram origem a uma prática que favoreceu a formação de arquivos e, conseqüentemente, de informações minuciosas sobre a memória e a história da Irmandade.

A preocupação com a formação teológica e a prática dos famosos “exercícios espirituais” nela implícita, favorecem sobremaneira a formação intelectual de seus integrantes e o gosto ou responsabilidade de alguns jesuítas pela história da religião, em geral, e da Companhia de Jesus em particular.

No que se refere à memória histórica dos Jesuítas no Brasil, o historiador Serafim Leite, seria um bom exemplo. Nesse sentido, consideramos muito significativa a visão que ele desenvolve da história missionária da Companhia de Jesus, ressaltando, por um lado, o coincidir da sua fundação com a reforma protestante, a expansão das navegações portuguesas, e, por outro, o desafio posto aos Jesuítas devido o contraste de nível cultural, medido em escala evolucionista, entre as populações por eles encontradas no Japão e no Brasil, a qual podemos apreciar em nota preliminar ao seu livro *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil(1549-1760)*:

A Companhia de Jesus nasceu numa Europa agitada por efervescências reformadoras, quando o mundo já se desvendara todo nos seus contornos geográficos, graças aos descobrimentos marítimos iniciados no século XV pelos Portugueses movimento que o Mediterrâneo cedia o passo ao Atlântico e, com o Atlântico e, a outros oceanos. A Homero e Virgílio, poetas do Mediterrâneo, sucedia Camões, que em vez de Polífemo, encerrado num antro da Sicília, canta o gigante Adamastor, prosopopeia do Cabo das Tormentas, no extremo sul da África, dominado pelos Portugueses e crismado por eles Cabo da Boa Esperança, trânsito do Atlântico para os mares do Oriente. E sucedeu que no mesmo ano de 1549, em que um navio português deixou Manuel da Nóbrega na costa sul atlântica do Novo Mundo (Brasil), outros navios portugueses tinham levado Francisco Xavier a Malaca, donde passou ao Japão. E estes – o Brasil no Ocidente e o Japão no outro extremo do mundo – são os dois marcos entre os quais se situa a acção missionária portuguesa. (...)

Breve relance missionário, este, donde emerge a chegada de Xavier ao Japão e de Nóbrega ao Brasil, circunstância sincrónica inicial a sugerir uma reflexão ou confronto. O Japão era país de alta cultura, o Brasil achava-se ainda na idade da pedra. A experiência mostrou que os métodos tinham de ser diferentes. Como também diversos haviam de ser os resultados. O Japão e os outros países do Oriente continuam a ser pagãos com pequenas minorias cristãs. O Brasil é a maior nação católica do mundo, verificação que enunciámos há largos anos e passou a ser lugar-comum, sem se tornar por isso menos real e verdadeiro.(1993:291)

Neste livro, Serafim Leite, além de nos oferecer dois apêndices; um de carácter topográfico geral, retirado de sua obra maior sobre as Missões Jesuítas no

Brasil, com “*a relação dos colégios, residências, aldeias, engenhos de açúcar e fazendas da Companhia de Jesus, desde a Amazônia ao Rio da Prata e fronteiras de Oeste, entre 1549 e 1760*”; o segundo apêndice é cronológico e demarca no tempo a presença de missionários jesuítas no Brasil, nomeando-os e assinalando as datas de seus nascimentos e mortes, bem como do período em que lá estiveram. O Autor assinala a criação de um total de 400 aldeias jesuíticas, no período já assinalado, lista os monumentos construídos que sobreviveram ao tempo e relaciona a toponímia atual de localidades. Salienta ainda que:

(...) “em quase todas as aldeias de catequese foram criadas vilas, ao deixarem-nas os missionários, recebendo novas denominações tiradas da toponímia portuguesa metropolitana, como: Abrantes, Almada, Arês, Alter do Chão, Aveiro, Barcelos, Beja, Boim, Borba, Bragança, Caxias, Colares, Faro, Melgaço, Mirandela, Monção, Monte-Alegre, Oeiras, Outeiro, Pinhel, Pombal, Santarém, Serpa, Soure, Viana, Viçosa, Vila Verde e outras.” (idem, p.253)

Quanto à localização de Colégios, Igrejas e Aldeias, fundadas pelos Missionários Jesuítas no Brasil colonial, até a expulsão pombalina, em 1759, oferecemos Serafim Leite a seguinte lista:

Belém/Pará – Colégio de Santo Alexandre e Igreja de São Francisco Xavier, hoje Seminário;
São Luís/Maranhão – Colégio e Igreja de Nossa Senhora da Luz (hoje Sé-Catedral) e Casa de Madre Deus;
Ceará – Hospício – Seminário de Fortaleza e Aquirás; aldeias de Ibiapaba (Viçosa), Parangaba, Caucaia(Soure), Paranamirim, Paupina (Messejana), dos Paiacus, do Rio Jaguaribe;
Piauí – Seminário do Rio Parnaíba (fazendas);
João Pessoa/Paraíba – Colégio/Seminário e Igreja São Gonçalo;
Pernambuco – Colégio e Igreja de Olinda (hoje Seminário) e Colégio e Igreja do Recife (hoje Espírito Santo), aldeias e fazendas;
Alagoas – Colégio à margem esquerda do Rio São Francisco, aldeias;
Sergipe – Aldeias;
Salvador/Bahia – Colégio (hoje Faculdade de Medicina), Igreja (hoje Catedral-Primaz), Noviciado (hoje Asilo de São Joaquim), Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição, Casa de Exercícios Espirituais, Colégio da Soledade, aldeias, engenhos e fazendas, Casa Colégio em Ilhéus e em Porto Seguro;
Espírito Santo – Colégio de Santiago (hoje Palácio do Governo), aldeias, engenhos e fazendas;
Rio de Janeiro – Colégio e Igreja do Morro do Castelo, aldeias, fazendas e engenhos;
Minas Gerais – Residência – Seminário de Mariana;
Goiás e Mato Grosso – Missões/fazendas;
São Paulo – Colégio e Igreja de São Paulo – Seminário, Colégio e Igreja de Santos, Colégio e Igreja de São Vicente, Colégio e Igreja de Itanhém;
Paraná – Colégio e Seminário de Paranaguá;
Santa Catarina – Colégio do Desterro (hoje Florianópolis);

Rio Grande do Sul – Aldeia do Estreito e acampamento do Rio Pardo, além de casas e ruínas dos Jesuítas do Paraguai em território que ainda não era do Brasil;

Rio da Prata – Colégio da Colónia de Sacramento (hoje Colonia/Uruguai)

A intenção de Serafim Leite é mostrar a dimensão extraordinária da obra missionária dos Jesuítas no Brasil, ressaltar que a Companhia não deixou de existir após a perseguição de Pombal e confirmar o seu prestígio no momento em que escreve a sua história. Vejamos o trecho abaixo:

A história que se intentou neste livro, consagrada à actuação construtiva da Companhia de Jesus no Brasil, conclui-se aqui, não sem esclarecer que a instituição não se dissolveu de todo na Europa. Restabelecida oficialmente pela Santa Sé em 1814, voltou ao Brasil em 1841, onde floresce de novo em colégios, universidades, missões, obras sociais e ministérios religiosos, com a perpétua e multiforme afirmação do pensamento católico na renovada variedade dos tempos. Nem a obra do passado se obliterou com a crise do século XVIII. Ainda hoje a Companhia de Jesus no Brasil vive muito do prestígio antigo, sobretudo com os 3 grandes nomes de permanente evocação: Nóbrega, Anchieta e Vieira. (idem, p. 233)

Na revista *Brotéria*, periódico mais importante da Companhia de Jesus em Portugal, encontramos vários artigos do Padre Serafim Leite, ali publicados, que estão relacionados ou não com a sua obra magna *História da Companhia de Jesus no Brasil*, à época colonial, em 10 volumes, a qual estamos a examinar. Em visita de consulta à *Casa dos Escritores* em Lisboa, sede daquele periódico, encontramos alguns dos seus volumes com indicações biográficas do Padre Serafim Leite, como é o caso de MAURÍCIO(1970) e PINHO(1990). Estes noticiam que ele nasceu em São João da Madeira, no ano de 1880. Migrou com familiares para o Brasil aos 15 anos de idade, com quem trabalhou na região do Pará e teve contato com a cultura indígena. Entrou para a Ordem dos Jesuítas, em 1914, tomando parte, assim, da *Missão Setentrional da Província Portuguesa Dispersa*. É considerado um dos principais historiadores da Companhia de Jesus no Brasil. Falecido em 1969, continua a ser festejado e lembrado por seus pares até os dias de hoje. Por essa razão, começamos por explorar o seu percurso biográfico, onde está claro que a ele foi dada a missão específica de historiar os feitos educativos dos Jesuítas no Brasil colonial.

No *Dicionário Histórico de la Compãnia de Jesús(2001)*, encontramos o percurso formativo de Serafim Leite até chegar à sua obra maior:

Tras unos años en el seminario menor de Carvalhos, diócesis de Oporto, dejó sus estudios y se embarcó para el Amazonas (Brasil), donde se dedicó al comercio en Pará. Al volver a Europa (1914), hizo

un retiro en Alseberg entró en la CJ. Estudió humanidades (1916 – 1919) en Murcia (España) y filosofía (1919 – 1922) en Granada (España) y teología (1923 – 1927) en Enghien.

Em 1929 fue adscrito a la plantilla de la revista Brotéria, de Lisboa, donde escribió sobre temas literarios, apologéticos y socio-culturales. En 1933 comenzó a elaborar su monumental História da Cia de Jesus no Brasil, desde sus comienzos hasta la expulsión de la C.J. por Pombal (1760). Al salir los primeros volúmenes (1938), recibió el Prémio Alexandre Herculano; los restantes ocho volúmenes aparecieron entre 1943 y 1950. (...) (p.2326-2327)

Segundo a mesma fonte, “entre 1933 e 1962, Serafim Leite teria publicado 267 artigos relacionados com a sua obra magna e participado de inúmeros congressos e reuniões científicas no Brasil, em Portugal e outros lugares.” Além de ter sido “membro das academias portuguesa e brasileira de letras, do Instituto Histórico de Roma e outras instituições culturais”, ele também “foi condecorado pelos governos brasileiro (1960) e português (1938)” e recebeu título de “doutorado honorífico da Universidade Católica do Rio de Janeiro (1949).

A circulação do referido historiador jesuíta e sua obra no meio político, religioso e acadêmico no Brasil, principalmente, entre as décadas de 1930 e 1940, com o apoio inclusive do Ministro Gustavo Capanema para a publicação de alguns dos seus livros, nos faz indagar sobre o impacto e relação que teve o seu estudo sobre a obra missionária e educativa dos Jesuítas no Brasil colonial na construção da visão de Fernando de Azevedo sobre a influência das missões jesuíticas na edificação do “sentido da educação colonial”, título que deu ao primeiro capítulo do seu famoso ensaio *A Cultura Brasileira*, publicado em primeira edição, na cidade de São Paulo, pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*, em 1943, no ano seguinte, pela Companhia Editôra Nacional.

O ardor com que Fernando de Azevedo se refere ao papel da Companhia de Jesus na edificação da cultura brasileira mostra como ele está em consonância com o modo de Serafim Leite de exaltar os Jesuítas em sua ação educativa, citando-o inclusive inúmeras vezes. Ao tomá-lo como referência básica dessa reconstituição histórica, Azevedo mostra-se irmanado com o ideal de lançar loas à Companhia. Rememoremos o primeiro parágrafo do seu famoso livro:

A vinda dos padres jesuítas, em 1549, não só marca o início da história da educação no Brasil, mas inaugura a primeira fase, a mais longa dessa história, e, certamente, a mais importante pelo vulto da obra realizada e sobretudo pelas consequências que dela resultaram para nossa cultura.(...)” (1958, p.09)

Muitas outras passagens do seu livro mostram o entusiasmo de Azevedo, sua visão eurocêntrica e vivamente positiva daquela missão. Mesmo dialogando com a posição de Gilberto Freyre, que destaca em *Casa Grande & Senzala* (1933) o caráter destruidor de culturas indígenas da ação dos missionários, Azevedo se curva ao efeito civilizador dela:

Não fôsem os jesuítas que se tornaram os grandes guias intelectuais e sociais da Colônia, durante mais de dois séculos e teria sido talvez impossível ao conquistador lusitano resguardar dos perigos que a assaltavam, a unidade de sua cultura e de sua civilização.(...) Seja qual for o ponto de vista de que se considere a obra realizada pelos jesuítas, ela não pode deixar de impressionar, não só pela extensão da área social em que se projetou, da Bahia até Olinda e, para o sul, até São Vicente no século XVI, e de Pernambuco ao Pará, no século XVII, mas também pelas dificuldades que tiveram que vencer, para realizá-la e mantê-la numa sociedade heterogênea, de brancos, negros, índios e mestiços, baseada num regime de escravidão, fraccionada em núcleos dispersos por grandes distâncias e cindida por lutas e dissensões internas.(...)(idem, p.18/19)

A descrição do ensino jesuítico e o destaque à rede de colégios da Companhia existentes no Brasil colonial, é particularmente apoiada no estudo de Serafim Leite. O texto de Azevedo na edição aqui analisada é enriquecido por fotografias de igrejas e colégios jesuíticos em Santos, Salvador, Paranaguá, Recife; destaca que o Seminário de Olinda foi organizado no prédio do antigo colégio dos jesuítas, mostra a Universidade de Coimbra como importante centro de formação da elite letrada brasileira.

Azevedo trata a expulsão dos jesuítas por Pombal como danosa à vida escolar da Colônia:

Assim terminou, no período colonial, com a expulsão da Companhia, a obra desses missionários que, em mais de dois séculos, educaram a mocidade brasileira e tão eficazmente auxiliaram os portugueses a colonizar o Brasil. Amaciando a aspereza dos costumes de uma época de violências e de rapinas, sopitando as discórdias entre casas-grandes, coarctando os abusos dos governos, retemperando a fé, avivando a caridade, apertando os freios da religião e contribuindo para implantar a ordem e a disciplina onde tudo conspirava para enraizar a anarquia, filha de ódios civis e das lutas de classes e de raças.(idem, p. 46/47)

Ele continua a exaltação da obra missionária “sobrenatural” dos Jesuítas, em tom poético, que culmina com a alusão ao exílio de que são vítimas:

A obra civilizadora desses homens que surgiram do mar, nas caravelas, para se espalharem pelo litoral e, ao longe pelos sertões, toca, de fato, ao sobrenatural, para os civilizados anêmicos que nós somos, amigos de prazeres. O ardor apostólico, o desprezo da morte, a mobilidade inverossímil em todos os terrenos e a sua capacidade de organização e disciplina não se podem medir, na sua grandeza, senão pela serenidade

e resignação, com que abandonam os seus colégios e partem para o exílio, silenciosos soldados que dobram as suas tendas...(p. 47)

Na bibliografia deste capítulo, encontramos arroladas as obras de Serafim Leite a que Azevedo recorreu: *Páginas de história colonial*. II. As primeiras escolas do Brasil (Brasiliana), Cia Editora Nacional, 1937; *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Século XVI). 2 volumes, Lisboa, 1938; *Novas Cartas Jesuíticas* (De Nóbrega a Vieira), Série Brasiliana, vol. 194, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1940.

No entanto, o tom apologético à missão dos jesuítas que perpassa a obra de Serafim Leite e de seus leitores não foi obra do acaso. Domingos Maurício, em notas biográficas à *Brotéria*, após a morte de Serafim Leite, datadas de janeiro de 1970, relata o momento em que foi dada ao jesuíta, então redator daquele periódico, por Cândido Mendes, superior provincial dos Jesuítas portugueses, a missão de confiança de escrever a obra que o tornaria famoso:

Neste momento histórico esboçavam-se, Além-Atlântico, arremessos de um surto nativista. Era preciso empreender, a tempo, em bases amplas e rigorosamente objectivas, a História da Companhia de Jesus no Brasil. Serafim Leite, antigo imigrante da Amazônia, afeito a vivências duras e contrastes naturais, era bem “the right man, in the place”. (...) Serafim Leite aceitou com júbilo a incumbência. (...) Quando em 1938 surgiram os dois primeiros volumes da História da Companhia de Jesus no Brasil, os aplausos estrugiram em Portugal, Além-Atlântico e pela Europa, nos mais diversos sectores de opinião. (...) Perante os olhos atônitos do leitor, ia desfilando a milícia apostólica de Nóbrega, cheia de audácia e zelo abnegado. (...) (Op. Cit., p. 167-168)

O historiador C.R. Boxer, no livro *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola*, publicado em 1952, em Londres, e no ano de 1973 em versão portuguesa, pela Companhia Editora Nacional, também se servirá fartamente da obra de Serafim Leite para caracterizar a ação educativa dos Jesuítas na Colônia do Brasil.

Dessa forma, a obra de Serafim Leite torna-se referência obrigatória para os estudos sobre os Jesuítas no processo de colonização do Brasil. Será ele inclusive o responsável pela edição das “cartas jesuíticas”, de que também se serve Fernando de Azevedo, cujo significado pode ser apreendido na descrição de Gambini (1988, p. 69):

Os intelectuais da Companhia de Jesus dedicam especial atenção ao registro de sua própria história e para tanto juntaram uma gigantesca coleção de documentos intitulada “Monumenta Historica Societatis Jesu”, com mais de 80 volumes. O conjunto denominado “Monumenta Brasilica”, editado pelo padre Serafim Leite, contém as cartas que nos interessam aqui e abrange os tomos 79-81 da série mais ampla. Ao lidar com esas fontes tem-se a impressão de estar diante de um enorme e

solene monumento oficial digno de ser reverenciado com o maior rigor da metodologia historiográfica. O peso é tamanho que o grande público naturalmente evitaria tal literatura, como se não contivesse nada exceto notas de rodapé, mofo e latinismos. Tanta pompa acaba dificultando o acesso às cartas enuanto simples relatos de uma experiência vivida.

No que se refere à memória histórica dos Jesuítas no Brasil, a obra de Serafim Leite é o melhor exemplo de síntese e atualização, por ter sido a missão atribuída pela Companhia ao referido jesuíta a de mostrar a dimensão cultural excepcional da obra missionária dos Jesuítas no Brasil e ressaltar que a Companhia não deixou de existir após a perseguição de Pombal, da Monarquia Constitucional e da República portuguesa. Ao salientar o protagonismo dos Jesuítas na formação cultural do Brasil, contribuiu para o esquecimento da contribuição cultural dos contingentes humanos autóctones e trasladados da África. Reconhecemos assim a proximidade temporal e a afinidade ideológica entre a obra de Serafim Leite e a de Fernando de Azevedo, pela ênfase dada por ambos ao papel educativo dos jesuítas no processo de colonização do Brasil e crítica dirigida à política pombalina de expulsão.

A temática aqui delineada recebe inspiração da concepção de método desenvolvido por Paul Ricouer(2007), que entende a memória como dimensão fenomenológica, a história como questão epistemológica e o esquecimento como parte da trama dos sujeitos históricos e campo de enquadramento hermenêutico. da educação no Brasil. Com ele entendemos como a memória é arquivada e passa para a representação historiadora através da explicação e/ou compreensão. Os discursos escritos de rememoração dos feitos dos jesuítas como educadores e religiosos, apontam datas e lugares, sentidos das escolhas por políticos e intelectuais, por meio das quais as publicações de Serafim Leite e seus leitores passaram a circular entre as instituições e acervos, arquivos e bibliotecas. Chama a nossa atenção que várias dessas publicações em livros sejam feitas em datas do calendário religioso da Companhia de Jesus, mas também civil, quando os Jesuítas são homenageados pelo Estado nacional, caso do Brasil moderno em busca de um perfil identitário, que solicita a Serafim Leite a reedição de suas *Cartas dos Jesuítas no Brasil*, por ocasião do aniversário de 400 anos da cidade de São Paulo, quando Sérgio Buarque de Holanda dirige o Museu paulista.

Coincidência ou não, o sentido da educação colonial e as origens das instituições escolares do Brasil terão sido obra da Companhia de Jesus, na visão tanto de Serafim Leite, quanto de Fernando de Azevedo. Como diria Ricouer, trata-se de um espaço

habitado e de um tempo histórico povoado de testemunhos e arquivos, que promovem pouco a pouco uma dada mentalidade e posterior representação historiadora, a qual será constituída por narradores e recuperação de imagens onde ressaltam a figura de um protagonismo irrecusável. Trata-se de uma operação da memória em luta contra o esquecimento. Mais do que isso, de uma operação paradoxal de resistência, alimentada por um lado, pela força de um republicanismo que em Portugal tentou extinguir a Companhia de Jesus e suas tradições e, no Brasil, nutre-se delas ou da força mítica da ação jesuítica colonial para erguer a nação civilizada.

Como Serafim Leite, Fernando de Azevedo tratará a expulsão dos Jesuítas pela reforma pombalina como um golpe cruel para o ensino, que gera desorganização e pulverização de ações educativas, pondo em risco o sentido de unidade cultural da Colônia brasileira.

A reforma pombalina planejada para o Reino, não só golpeou profundamente, na Colônia, o ensino básico geral, pulverizando-o nas aulas de disciplinas isoladas (aulas régias), sem qualquer plano sistemático de estudos, como ainda cortou, na sua evolução pedagógica normal, o desenvolvimento do ensino para os planos superiores. (...) A unidade fundamental de pensamento que dava à Companhia e aos seus órgãos de ação o poder e apreponderância que teve na vida espiritual do povo brasileiro, como por toda a parte, transmitia-se, através de uma organização cerrada e admiravelmente hierarquizada, que facilitava o enquadramento de todos os seus recursos de ação, favorecendo a um tempo a unidade e a autonomia dos colégios.(...) (idem, p. 53)

A sua defesa dos Jesuítas é feita de forma clara e contundente. Azevedo toma partido, elogia, defende, critica seus inimigos, faz justiça à grande obra de educadores que caracterizaria os Jesuítas. É este o mesmo paradigma da missão de Serafim Leite: mostrar a importância histórica da Companhia de Jesus no processo de colonização do Brasil e a injusta perseguição a ela dirigida pelo Estado de Pombal, pela Monarquia Constitucional e República portuguesa. Se ao fazer isso terão Serafim Leite e Fernando de Azevedo realizado uma mesma missão e/ou consolidado uma representação e narrativa preche de exagero e supervalorização dos Jesuítas, só o exercício da crítica histórica poderá melhor avaliar.

Referências

AZEVEDO, Ferdinand, S.J.. *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste Brasileiro*. Recife, Fundação António dos Santos Abranches, 1986.

AZEVEDO, Gonzaga de. *Proscritos* – 2 volumes (1º editado em 1910 e 2ª parte/2º volume. E.Daem/Bruxelas, 1914. (311p.)

BOXER, C.R.. *Salvador de Sá e aluta pelo Brasil e Angola 1602-1686*. São Paulo, Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

Dicionário Histórico de la Compãnia de Jesús – Biográfico – Temático. Directores: Charles E. O'Neill, S.I. Joaquin Maria Dominguez, S.I. Roma, Institutum Historicum, S.I/Madrid, Universidad Pontificia Comillas, (2001), pp. 2326 – 2327)

FRANCO, José Eduardo. *O Mito dos Jesuítas: em Portugal, no Brasil e no Oriente* (S´culos XVI a XX). Lisboa, Gradiva, 2006, vol. I.

GAMBINI, Roberto. *O Espelho Índio: os Jesuítas a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1988.

MAURÍCIO, Domingos. *Serafim Leite*. In: Brotéria – cultura e informação. Lisboa, Livraria do Apostolado da Imprensa. Vol. 90, nº 1. Jan. 1970, p. 164 -173.

PINHO, Inocêncio. *O Historiador da Missionaçãõ Jesuítica no Brasil* (Centenário de Serafim Liete, S.J., 1890 – 1990). In: Brotéria – cultura e informação. Série mensal, vol. 131, nº 1, julho de 1990.

LEITE, Serafim. *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil(1549-1760)*. (prefácio do autor de 1965). Braga/PT, Livraria A.J. (Apostolado da Imprensa), 1993.

LEROY, Michel. *O mito jesuíta*. Lisboa, Roma Editora, 1999.

RICOUER, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.